

# Friedrich Ratzel: uma Análise da Difusão de suas Ideias no Contexto da Geografia Brasileira

*Iapony Rodrigues Galvão<sup>1</sup>*

*Kellia de Oliveira Bezerril<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente artigo busca compreender a difusão do pensamento de Friedrich Ratzel no contexto da Geografia Brasileira. Ao realizar um estudo mais detalhado de sua obra, fica evidente a relevância do mesmo para a atual configuração da ciência geográfica. Contudo, o autor alemão não possuiu o devido reconhecimento, particularmente pelos estudiosos de origem francófona, dificultando a discussão de suas ideias inclusive na geografia brasileira. Desta forma, realçando as pesquisas que buscaram observar mais adequadamente o significado dos pressupostos teóricos constituídos pelo autor alemão, abre-se a possibilidade de uma melhor utilização do legado teórico de Ratzel.

Palavras-Chave: Território; Geografia brasileira; Geopolítica.

## **Friedrich Ratzel: an analysis of their ideas for dissemination in the context of geography brazilian**

**Abstract:** This article seeks to understand the diffusion of the work of Friedrich Ratzel in the context of the Brazilian Geography. By performing a more detailed study of his work, it is evident the relevance of Ratzel for the current configuration of Geographic Science. However, the German author did not possess the proper recognition, particularly by scholars of French origin, hindering the diffusion of their ideas in countries influenced by Francophone geographers, and in Brazilian geography. Thus, highlighting the research that tried to observe more accurately the meaning of the theoretical assumptions made by the German author opens up the possibility of a better use of the theoretical legacy of Ratzel.

**Key Words:** Territory; Brazilian Geography; Geopolitics.

- 1 Doutorando em Geografia na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Docente do Curso de Geografia da UFRN-CERES. Contato: [iapony@ufrnet.br](mailto:iapony@ufrnet.br)
- 2 Acadêmica do Curso de Geografia da UFRN. Contato: [kellia\\_bezerril@hotmail.com](mailto:kellia_bezerril@hotmail.com)

## Introdução

Friedrich Ratzel possui considerável relevância para a Geografia, uma vez que o pensador alemão foi pioneiro nos estudos geográficos modernos e na sistematização científica desta área do conhecimento, além das pesquisas na etnografia/etnologia.

Embora o autor seja lembrado pelo pioneirismo ao propor a constituição de um ramo da geografia especificamente dedicado ao estudo do homem na sua interação com a natureza, Ratzel foi importante também para a consolidação da Geografia como uma “Ciência do homem” (a Antropogeografia), servindo de base para os autores e estudos posteriores. Além disso, não se pode esquecer a sua relevância para a formação da “Geografia Política”, expressão usada já no título de um dos seus mais relevantes trabalhos, publicado em 1897.

Contudo o autor alemão, nos anos posteriores a sua morte, em 1904, foi duramente criticado e teve a sua obra questionada de forma sistemática por autores advindos da escola francesa da Geografia, desde Vidal de La Blache até Yves Lacoste. Embora não reconhecido pelos críticos franceses, a rivalidade existente entre a França e a Alemanha, desde as disputas territoriais do século XIX, é apontada como um fator relevante para a ênfase nas críticas sobre os escritos ratzelianos.

Para agravar ainda mais a situação, o uso indiscriminado e deturpado de suas teorias no decorrer do século XX, com a associação de suas ideias ao expansionismo nazista alemão, corroborou com o desuso de suas obras.

O movimento “renovador” da Geografia, autodenominada de Geografia Crítica, muito difundido também na Geografia Francesa dos anos 1970, consolidou o “ostracismo” de Ratzel, ao explicitar pesquisas e discussões acadêmicas onde se enfatizava o “determinismo ambiental” ratzeliano e o uso do conceito de “Espaço Vital” pelo regime nazista alemão.

A geografia brasileira, com a sua notável influência francesa desde a fundação do primeiro curso de Geografia na USP por estudiosos de origem francófona, em 1934, acatou plenamente as ideias que reduziam a relevância de Ratzel na ciência geográfica. Desta forma, autores como Antonio Carlos Robert Moraes abordaram os estudos de Friedrich Ratzel como um determinismo metodológico, como se os mecanismos de causa-efeito não fossem a tônica da produção científica da época. Um subterfúgio intelectual diante da impossibilidade de rotular o autor como determinista ambiental, e que se justificaria diante da necessidade maior de vincular o pensamento do autor germânico ao “imperialismo alemão” (MORAES, 1996, p.67-74).

Entretanto, alguns estudos começam a questionar com maior ênfase as críticas realizadas à Friedrich Ratzel, os quais podem ser destacados, em língua portuguesa, os estudos realizados por Marcos B. de Carvalho (“Ratzel: releituras contemporâneas. Uma reabilitação”), em 1997; a tese de doutorado do mesmo autor, publicada em 1998; a pesquisa realizada por Rosmari Cazarotto (“Leituras de Friedrich Ratzel na produção Geográfica brasileira contemporânea”), em 2006; além de pesquisas realizadas por grupos de estudos em Geopolítica, como a obra “Uma breve história da Geopolítica”, de Edu Silvestre de Alburqueque, publicada em 2011. Tais obras resgatam o Ratzel obscurecido pela notável força da Geografia Francesa, ainda que no âmbito da língua portuguesa.

Assim, o trabalho em tela busca trazer um pouco das ideias de Ratzel e as origens das deturpações de sua obra ao longo da história da construção da Geografia Brasileira, não deixando, contudo, de observar alguns estudos realizados em outras partes do globo, os quais servem como resgate do pensamento político e geográfico do autor.

### **Críticas à Ratzel: uma breve análise**

É comumente associada à Ratzel a imagem de que suas ideias e estudos surgiram num contexto de busca de legitimação do projeto expansionista do estado alemão, no final do século XIX, como se o mero contexto histórico fosse suficiente para enquadrar toda a complexa produção do autor.

Certamente, o autor “não é o único caso, de fértil e importante pensador, a ter “consagrados” seus defeitos mais que suas virtudes” (CARVALHO, 1997, p.1). Entretanto torna-se necessário compreender os motivos que geram as críticas ao autor alemão.

Os críticos francófonos da obra ratzeliana se esquecem justamente do contexto histórico mais amplo, tão apregoado por aqueles que objurgam Ratzel e seu “estudo direcionado ao imperialismo alemão”, que também deve ser considerado para demonstrar a rivalidade existente entre franceses e germânicos desde os tempos napoleônicos.

Mas foi com as disputas territoriais do século XIX entre as duas nações gigantes europeias, especialmente com a derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana que viabilizou a Unificação Alemã, que o pêndulo da balança do poder pendeu definitivamente para o lado alemão. As duas guerras mundiais do século XX trariam enormes prejuízos territoriais à Alemanha, representando o fracasso da política expansionista alemã. Nessa mobilização francesa, os geógrafos acreditaram desempenhar um papel intelectual

importante ao denunciar o projeto político alemão supostamente expressado em sua geografia ou geopolítica.

Logo, as obras de Ratzel tornam-se uma “perfeita justificativa” para a demonstração do “horror” provocado pela Alemanha ao mundo, especialmente na II Guerra Mundial (CARVALHO, 1997, p.1).

Desta forma, durante boa parte do século XX, Ratzel fora comumente criticado pela linha intelectual francófona, especialmente pela "corrente" do Possibilismo Geográfico, defendida por Vidal de La Blache. Seu auge ocorre com Lucien Febvre, o qual exaltou as concepções de Vidal de La Blache e reduziu o pensamento ratzeliano à condição de "determinismo ambiental". E tais aceções, conforme veremos posteriormente, formaram à base teórica da deturpação do pensamento ratzeliano em nosso país.

Tal crítica esboçada por escritores de origem francófona desde Pierre George até Yves Lacoste, os quais desprezaram e demonizaram a teoria ratzeliana, dificultou sensivelmente a absorção do complexo pensamento político e espacial ratzeliano até nossos dias (ALBUQUERQUE, 2011, p.19).

Parece evidente que as concepções francófonas, bem como as anglo-americanas, da Geografia e das Ciências Sociais relacionadas à Ratzel, reforçam uma versão histórica que justifica as ideias dos vencedores dos grandes conflitos mundiais do século XX, levando estes à “lançar mão de expedientes como a edição de idéias, a descontextualização, o forjamento de divergências, etc” (CARVALHO, 1997, p.1).

O resultado foi reducionismos e simplificações do pensamento ratzeliano, os quais estão sendo revistos por diversos autores da Geografia, inclusive no Brasil, como Rosmari Cazaroto (2006) Marcos Carvalho (1997, 1998) e Edu Silvestre de Albuquerque (2011).

Já dentre os autores que revisam as teorias ratzelianas no meio acadêmico europeu identificamos A. L. Sanguin (1990) e G. Mercier (1990), os quais desmistificam diversas ideias atribuídas à Ratzel, além de aprofundar uma maior compreensão sobre a sua bibliografia e o contexto de sua obra. Curiosamente, os autores europeus da atualidade que questionam esse “reducionismo determinista” são, em sua maioria, de origem intelectual francesa, algo bastante relevante, particularmente após a breve discussão realizada anteriormente sobre as “intencionalidades” ocultas no discurso da escola francesa de Geografia.

De todas as releituras da obra ratzeliana, o ponto de maior atenção, evidentemente, recai na crítica da condição “determinista” e “naturalista” do autor alemão. É consenso entre os revisionistas que tal aceção necessita ser reconsiderada, uma vez

que o pensamento ratzeliano seria mais complexo e apto a contribuir com a ciência geográfica contemporânea.

Friedrich Ratzel expressou a linguagem de seu tempo, onde estava em voga as ideias evolucionistas de Charles Darwin, ao mesmo tempo em que a Geografia ainda não possuía o grande aporte teórico existente na atualidade. Tal aceção nos mostra que as críticas a Ratzel deveriam, inicialmente, observar mais atentamente este contexto, pois sem esta preocupação “o risco da crítica descuidada é grande” (CARVALHO, 1997, p. 8).

Mercier (1990 apud CARVALHO, 1997, p. 4) lembra que apesar da antropogeografia de Ratzel, este é inserido pelos seus críticos num reducionismo em que tal termo refere-se a uma breve descrição demográfica, algo distante do real significado original da terminologia.

Outro relevante aspecto refere-se ao forte componente reducionista apontado na obra de Ratzel. Mais uma vez fica evidente que o estudo ratzeliano das relações cultura e meio físico não se refere a um simples determinismo, pois a concepção política empregada pelo autor contribuiu muito para as futuras construções teóricas sobre o espaço habitado. Essa contribuição aparece na divisão realizada por Ratzel entre "povos naturais" e "povos culturais", aproximando bastante o autor das concepções "possibilitas" (MERCIER, 1990 apud CARVALHO, 1997, p. 4). Esse diálogo possível entre o francês La Blache e o alemão Ratzel é enfatizado também por A. Vallega (1989 apud CARVALHO, 1997, p. 5). Ambos, Ratzel e La Blache, possuiriam em comum a preocupação em compreender os fenômenos humanos no espaço terrestre, mesmo que a história da ciência geográfica coloque tais autores em caminhos díspares.

Outro ponto crítico muito enfatizado nas discussões relacionadas à Ratzel reside na “intencionalidade” política da obra do autor, uma vez que é comumente acusado de serviçal do expansionismo alemão e do regime nazista.

É verdade que muitas ideias de Ratzel podem ser utilizadas para reforçar concepções detestáveis para a humanidade. Contudo, até que ponto o autor pode ser responsabilizado pelo uso que se faz de suas ideias após sua morte? Para a escola francesa de geografia pareceu mais cômodo associar Ratzel ao totalitarismo alemão, usando o simples fato de que sua obra fora lida por nazistas.

Assim, no pós-guerra a demonização de Ratzel crescia com a demonização de Hitler. A máquina de propaganda aliada se encarregou de satanizar o nazismo, e uma parcela da culpa histórica alemã caiu em Ratzel pelo simples fato de publicar em alemão, “ainda que Ratzel fosse anterior ao período Nazista” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 20). Para

a consolidação dessa crítica francesa foi necessário “certo malabarismo”, pois tais autores associaram Ratzel diretamente ao “Círculo de Munique” do general-geógrafo K. Haushofer, e destes com o nazismo.

Ratzel morreria havia trinta anos antes da ascensão do nazismo, e o filho de Haushofer foi pego em uma conspiração para assassinar Hitler; mas estes detalhes foram maquiavelicamente deixados de lado.

Como colocado por Carvalho (1997, p. 8), Ratzel produzia textos longos, as vezes ultrapassando as mil páginas, onde uma ou outra frase poderia ser pinçada e descontextualizada por críticos do autor segundo os mais variados interesses ideológicos. A obra de Ratzel, prossegue o autor, é fértil em “ofertas”, gerando um uso irrestrito de ideias do pensador, sem, no entanto, que seus críticos se propusessem seriamente a compreendê-las em sua totalidade.

Nos estudos revisionistas merece destaque o pesquisador A. L. Sanguin, o qual enfatiza uma revisão mais contundente e detalhada das contribuições dadas pelo autor alemão à Geografia, iniciando de uma visita à bibliografia do estudioso germânico. Desta maneira, realiza uma contextualização da obra e trajetória pessoal do autor, ampliando o escopo de sua intensa trajetória profissional para além do zoólogo e naturalista, ao destacar também o Ratzel jornalista e historiador.

É no período de inserção na ciência geográfica que Ratzel constrói suas grandes obras, quando o alemão abandona as teses darwinistas de evolução biológica e introduz a ideia de “evolução espacial”, a partir da qual formula sua teoria difusionista (CARVALHO, 1997, p.10).

Embora tenha abandonado a ideia darwinista de evolução biológica, Ratzel ainda utiliza alguns aspectos desta, para explicar o difusionismo, o qual busca compreender uma “humanidade única”, baseada na existência de “traços culturais semelhantes, encontrados em diferentes lugares, antes de se converterem numa contradição ao determinismo locacional e civilizatório, apenas confirmariam o princípio da difusão” (CARVALHO, 1997, p.10). Entretanto, para Albuquerque (2011) o uso do jargão evolucionista por Ratzel configura-se apenas como exercício de linguagem, visando convencer a comunidade acadêmica acerca da cientificidade do discurso geográfico.

De fato, não se pode esquecer que na época de Ratzel, mesmo Karl Marx - que jamais poderia ser associado ao determinismo - cita as condições edáficas, conforme pode ser visto nesta citação de “O capital” (MARX, 1884, p.1006).

Uma natureza pródiga demais 'retém o homem pela mão como uma criança sob tutela'; ela o impede de se desenvolver ao não fazer com que seu desenvolvimento seja uma necessidade de natureza. A pátria do capital não se encontra sob o clima dos trópicos, em meio a uma vegetação luxuriante, mas na zona temperada. Não é a diversidade absoluta do solo, mas a diversidade de suas qualidades químicas, de sua composição geológica, de sua configuração física, e a variedade de seus produtos naturais que formam a base natural da divisão social do trabalho e que excitam o homem, em razão das condições multiformes ao meio em que se encontra situado, a multiplicar suas necessidades, suas faculdades, seus meios e modos de trabalho.

No entorno científico da época havia uma preocupação de equacionar os fatores físicos e humanos nas pesquisas, o que na obra ratzeliana gerou oportunidades para que seus críticos viessem a descontextualizar seus conceitos de “organismo” e “espaço de vida” (SANGUIN, 1990 apud CARVALHO, 1997, p.13).

Essa descontextualização pode ser exemplificada ainda na associação entre a ideia ratzeliana de Estado e estrutura de organismos biológicos, onde mesmo ficando evidente que a definição do autor fosse geográfica (e não biológica ou jurídica), não seria poupado por seus críticos .

As inovações do autor alemão estão ao consagrar as noções de território e de estado-nação no âmbito geográfico, nos estudos das relações entre homem e natureza (inspirador da futura Biogeografia) e da apropriação do espaço pelo homem (a Geografia Política) foram fundamentais para a construção da Geografia como ciência, conforme atesta Cazzaroto (2006, p. 6). Tais contribuições teóricas não devem ser obscurecidas pelas novas gerações, pois também se deve a Ratzel o acréscimo na Geografia de certo sentido de filosofia cultural (SANGUIN, 1990 apud CARVALHO, 1997, p. 13), além da busca por uma unicidade Geográfica, a qual, na atualidade, ainda parece distante

Após esta breve apresentação dos resultados apresentados por alguns revisionistas da produção de Friedrich Ratzel, vejamos de perto o caso brasileiro, cuja escola de geografia foi completamente influenciada pela intelectualidade francófona.

### **Concepções ratzelianas no Brasil: algumas considerações**

Conforme visto anteriormente, as concepções ratzelianas sofreram um enorme combate nas escolas Possibilista e da “Geografia Crítica”, fortemente caracterizadas pela influência de autores franceses.

Tais acepções e discussões sobre as intencionalidades das críticas “anti ratzelianas” tornam-se importantes para a compreensão dos caminhos seguidos pela

Geografia durante o século XX e XXI, que colocaram Ratzel num ostracismo que é ainda hoje sem precedentes na história do conhecimento geográfico.

A Geografia brasileira fez coro ao “caminho obscuro” em que foi jogada a produção ratzeliana, que pode ser melhor evidenciado se observarmos criticamente a história da Ciência Geográfica no Brasil.

A Geografia brasileira iniciou seu caminho acadêmico ainda em 1934, quando a Universidade de São Paulo (USP) foi fundada por uma missão de estudiosos franceses, os quais iniciaram as bases da futura universidade a partir da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Tais estudiosos, como Claude Levi-Strauss, grande antropólogo e contumaz opositor das ideias antropológicas ratzelianas, influenciou nas diretrizes acadêmicas da recém-criada instituição de ensino.

As diretrizes seguindo as tendências francesas de crítica exarcebada ao pensamento ratzeliano tornaram o aporte basilar para os cursos das Humanidades criados na Universidade, entre eles a habilitação em Geografia. Além disso, com a eclosão da II Guerra Mundial, em 1939, houve ainda um combate mais intenso as ideias advindas da Alemanha e, conseqüentemente, dos autores alemães, levando com que considerável parcela da produção intelectual alemã fosse apressadamente rotulada de “nazista”.

Nos anos 1980, com a disseminação da corrente crítica da ciência geográfica no Brasil, rapidamente aceita, os equívocos sobre os estudos de Ratzel foram ainda mais disseminados.

Antonio Carlos Robert Moraes, autor consagrado no meio acadêmico nacional como um notável “historiador” do pensamento geográfico, concebeu a obra “Geografia: pequena história crítica”, lançada no ano de 1981, e que tornou-se no principal manual nas matérias de história do pensamento geográfico. Na obra, Moraes segue fielmente a concepção francófona, de que os estudos geográficos de Ratzel serviram apenas “para dar um caráter acadêmico à ciência Geográfica”, nada acrescentando em termos teóricos e metodológicos (MORAES, 1996, p. 68).

Dentre as diversas críticas lançadas por Moraes, destaca-se que o determinismo ambiental apareceria entre os discípulos de Ratzel, como Ellem Semple e Elsworth Huntigton, onde este último indica o clima e o relevo como fatores predominantes para influência da ocupação humana no espaço (MORAES, 1996, p. 69). Ainda que sem acusar Ratzel diretamente, estavam lançados os elos entre esses autores e seu mestre alemão.

Tal situação é agravada pelo fato de muitos cursos de Geografia utilizarem a obra de Moraes como referência fundamental. Desta maneira, os futuros licenciados e bacharéis de Geografia continuam "formados" com os mesmos preconceitos das gerações intelectuais anteriores.

Outra crítica de Moraes, esta na obra intitulada "Ratzel" (1990), é no uso do método positivista por parte de Ratzel. Contudo, o próprio Moraes acaba resgatando um pensamento ratzeliano que demonstra um Ratzel que promove a especulação para além da descrição:

Assim como toda a Geografia, também a Geografia do homem é principalmente uma ciência descritiva. (...) Consideramos que se *o trabalho de descrição não basta para completar a obra de uma ciência* (grifo nosso), este é necessário, porém, para preparar suas conclusões. (MORAES, 1990, p. 94).

Desta forma, fica esclarecido que o próprio Ratzel não acreditava que a descrição era o único grande método para o estudo científico, e sim um notável instrumento para a pesquisa. E diante da pequena evolução da parafernália informática, cabia à descrição um importante papel na pesquisa geográfica da época.

Embora boa parte da comunidade geográfica brasileira continue repelindo e desconsiderando a grandeza da obra ratzeliana, autores tem se empenhado no revisionismo da obra de Friedrich Ratzel.

Em artigo de 1997, que utiliza resultados da tese de doutorado defendida em 1998, Marcos Carvalho deixa claro a relevância de Ratzel para a construção do pensamento geográfico, desmistificando o status determinista e imperialista que impregna o discurso dos críticos da obra do alemão, e afirmando a necessidade de promover o resgate do legado ratzeliano, da genialidade de sua imensurável produção acadêmica (CARVALHO, 1997, p. 14).

No livro de Albuquerque (2011), onde traz uma breve discussão da Geopolítica, destaca a contribuição ratzeliana com as leis tendenciais de crescimento dos estados. O autor busca resgatar o legado do alemão à Geografia e ao campo da Geopolítica. Nesta obra, há uma forte ênfase na discussão sobre as deturpações sofridas pela obra ratzeliana ao longo do século XX, especialmente após a Iª. Guerra Mundial.

O contundente apontamento dado pelo autor sobre as intencionalidades francófonas nas ciências sociais evidencia a deturpação da obra ratzeliana sem a

realização de uma análise mais detalhada (ALBUQUERQUE, 2011, p. 21), algo que prejudicou sensivelmente o desenvolvimento dos estudos ligados as estratégias de dominação territorial e a própria Geografia como ciência.

Novas pesquisas são necessárias para evidenciar que a obra ratzeliana possui inúmeras contribuições e paralelismos com a atualidade. É o que demonstra Rosmari Cazarotto (2006), ao demonstrar as contribuições do alemão para uma visão espacial na escala do Estado-nação, na discussão de território e sua gestão.

Desta forma, muitos autores brasileiros contemporâneos como Bertha Becker e Milton Santos realizaram leituras de Geografia Política numa concepção intencional e estratégica, podendo ser levantado um notável paralelismo de concepções destes autores com as pesquisas ratzelianas (CAZAROTTO, 2006, p. 7).

### **Considerações finais**

Após as discussões realizadas no decorrer deste artigo, fica evidente que Friedrich Ratzel não fora apenas um pesquisador “naturalista”, “determinista” ou “imperialista”, como muitos declaram em suas pesquisas e estudos sobre a história do pensamento geográfico. O autor alemão foi um verdadeiro propulsor da Geografia como ciência, da busca de um método coerente para disseminação de ideias ligadas a este conhecimento científico e mentor de relevantes áreas do conhecimento geográfico.

Mas isto não basta para convencer a muitos da necessidade de uma revisão e reconsideração de suas ideias. O autor germânico fora duramente criticado durante todo o século XX, sem possuir qualquer possibilidade de defesa, pois mormente sequer suas citações são resgatadas pelos críticos de suas obras. Seus críticos não conseguiram discernir claramente a grandeza de suas ideias simplesmente porque não leram suas obras, preferindo o cômodo caminho da reprodução dos preconceitos já difundidos. Quando o fizeram, caso de Robert Moraes, tiveram que realizar complexos malabarismos intelectuais para não darem a “mão à palmatória” de que erraram.

Contudo, a mesma Geografia Crítica que ampliou as condenações aos pesquisadores intitulados como “deterministas” e “imperialistas” também pode abrir possibilidades para que outros estudiosos revejam a obra ratzeliana. E assim ficou evidente, após as pesquisas de alguns revisionistas brasileiros e europeus. Paradoxalmente, o que ressuscita o pensamento ratzeliano é a velha questão colocada aos geógrafos e ainda sem resposta: a sua unidade científica.

É importante enfatizar as restrições no que se diz respeito a disponibilidade das obras ratzellianas na língua portuguesa, onde temos apenas fragmentos de uma ou outra obra, como a citada obra de Robert Moraes e duas publicações nos periódicos GEOUSP e REVISTA DE GEOPOLÍTICA, que ainda estão muito longe de refletirem com fidelidade o conjunto da produção geográfica do autor (CARVALHO, 1997, p. 2).

Na Geografia brasileira, ainda carregada com uma forte influência francesa, se dá os primeiros passos para buscar uma verdadeira reconstrução e reflexão acerca do saber geopolítico, quiçá resgatando o alcance da contribuição de autores “esquecidos” pelos francófonos.

E esta reflexão necessária nos próprios cursos de graduação em Geografia e nos fóruns apropriados como congressos científicos, chama as novas gerações de geógrafos que não devem ser levadas a um “pensamento único”, parafraseando Milton Santos.

## Referências

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. **Uma breve história da Geopolítica** (Coleção perspectivas do mundo contemporâneo), Rio de Janeiro: Cenegri Edições, 2011.

CARVALHO, Marcos. **Ratzel: Releituras Contemporâneas. Uma reabilitação?**. In: Revista Bibliográfica de Geografia y Ciências Sociales, N° 25, Universidade de Barcelona, 1997.

\_\_\_\_\_. **Da Antropogeografia do Final do Século XIX aos Desafios Transdisciplinares do Final do Século XX: O Debate Sobre as Abordagens Integradas da Natureza e da Cultura nas Ciências Sociais**. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. PUC, São Paulo, 1998.

CAZAROTTO, Rosmari Terezinha. **Leituras de Friedrich Ratzel na produção geográfica brasileira contemporânea**. In: Boletim Gaúcho de Geografia, N° 30, Porto Alegre, 2006.

MARTINS, Luciana Lima. **A natureza da paisagem em Friedrich Ratzel**. In: V Congresso Brasileiro de Geógrafos, Curitiba: AGB, 1994

MORAES, Antonio Carlos Robert Moraes. **Geografia: Pequena História Crítica**, São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990.

**Recebido em Novembro de 2012.**

**Publicado em Abril de 2013.**